

SEMPRINI, Andrea. *Multiculturalismo*. Tradução de LoureanoPelegrin. Bauru, SP: EDUSC, 1999. ISBN 85-86259-78-0. 178 p.

Nesta obra, Andrea Semprini se propõe a três objetivos: descrever os principais aspectos do multiculturalismo, tendo como referência os Estados Unidos; propor uma ampliação na maneira de se enxergar as controvérsias multiculturais e tentando mostrar que as complexidades do tema abarcam várias esferas, dentre as quais estão o papel das linguagens, a teoria da identidade e a questão do ‘politicamente correto’, principalmente no que tange ao relacionamento entre as epistemologias monocultural e multicultural; e, por fim, sugerir e demonstrar de que forma o multiculturalismo surge como indicador de uma crise maior – a crise do projeto da Modernidade. Aqui, o autor aborda a temática da crise do espaço social e da complexa transição deste para um espaço multicultural.

Em um primeiro momento Semprini vai tratar daquilo que considera como o ponto-chave do multiculturalismo: a questão da diferença: “A diferença é antes de tudo uma realidade concreta, um processo humano e social, que os homens empregam em suas práticas cotidianas e encontra-se inserida no processo histórico” (p.11). Para Semprini, é o multiculturalismo que vai aprofundar nas tensões geradas pela diferença e, portanto, vai propor a abordagem de questões relativas à capacidade de integração das diferenças no sistema social.

Após discorrer sobre as raízes históricas do multiculturalismo nos Estados Unidos, o autor vai apontar o movimento pelos direitos civis, surgido nos anos 60, como sendo o ponto de partida recente do multiculturalismo já que trata-se de um dos mais importantes catalisadores das forças de renovação da sociedade norte-americana. É nessa linha de análise que Semprini vai defender a idéia de que o multiculturalismo, ao discutir o problema da identidade e de seu reconhecimento, e também ao traçar as zonas de ruptura – fazendo emergir novas configurações sociais – está contribuindo para transformar a maneira como os americanos percebem a sua sociedade.

Semprini propõe uma distinção entre a interpretação política do multiculturalismo e a interpretação culturalista: A interpretação política limita-se a analisar as

reivindicações das minorias enquanto a interpretação culturalista vai privilegiar a dimensão cultural do fenômeno. O autor discorre sobre três áreas principais contempladas pela interpretação culturalista. 1) A educação, que contempla um exame das ações afirmativas; 2) a identidade sexual e as relações interpessoais, que tem no movimento feminista o marco das reivindicações das identidades gênero e da ‘des-naturalização’ da dominação dos valores masculinos assumidos pela sociedade; e, 3) as reivindicações identitárias, caracterizadas pelos reclames de determinadas minorias para que sua especificidade e identidade sejam reconhecidas também na esfera legal.

A expressão ‘politicamente correto’ – entendida como sinônimo de conformismo e indolência por causa do jargão Stalinista dos anos 50 – é retomada como movimento cuja preocupação maior é dignificar os diferentes grupos sociais e evitar o reforço de uma visão desvalorizada de pessoas ou grupos. Aqui, os defensores do ‘pc’ entendem que o uso da linguagem é de extrema importância já que “a linguagem é identificada não apenas como lugar onde as relações de dominação e exclusão se cristalizam, mas também onde essas relações são negociadas, produzidas e reproduzidas” (p. 67). A linguagem, portanto, é entendida como instrumento capaz de modelar e produzir realidades que vão compor o tecido social.

Semprini apresenta uma vertente epistemológica que surge a partir da década de 1920 em reação ao positivismo, ao racionalismo e aos determinismos que há um século vinham dominando o pensamento intelectual. O autor discorre sobre estas duas epistemologias – a multicultural e a monocultural – apontando as principais características que as distanciam. A análise monocultural seria um resumo do “essencial da herança intelectual ocidental” (p. 85), ou seja, uma análise simples e tranquilizadora que garante que é possível conhecer a verdade e que a ciência tem solução para cada problema da sociedade. Já a análise multicultural invoca uma mudança de paradigma que se apóia na relatividade como fundamento do seu pensamento.

A relação entre individualismo e multiculturalismo e como esta relação se reflete na redefinição do espaço social é também abordada por Semprini. Aqui, nos é apresentada a transição de uma visão vertical para uma visão horizontal da relação entre grupos sociais.

O autor discorre ainda sobre o espaço multicultural e enfatiza que este é, antes de tudo, um espaço de sentido. Nas palavras de Semprini, “um espaço multicultural nasce e se desenvolve *in vivo* nesse imenso laboratório que é a sociedade” (p. 147).

Por fim, o multiculturalismo é considerado na sua relação com a modernidade. “O multiculturalismo é um dos frutos da crise da modernidade” (p. 161), enfatiza Semprini. No entanto, ele não se limita apenas a apontar as contradições

da modernidade. Pelo contrário, algumas das reivindicações multiculturais se despontam como novas propostas, o que confere ao multiculturalismo um caráter construtivo que se contrapõe às críticas que ele próprio lança à modernidade.

Entendemos que esta obra traz grandes contribuições para os pesquisadores que lidam o multiculturalismo. Questões como diferença e identidade são alguns dos desafios colocados para os cientistas sociais e também para os cientistas da religião que pretendem focar, principalmente, na era contemporânea. Aqui, apenas delineamos o que Semprini vai tratar de maneira bastante aprofundada. Trata-se portanto de uma obra que vale a pena ser consultada.

Carla Naoum Coelho
Doutoranda em Ciências da Religião na PUC Goiás.
E-mail: carlanaoum@solar.com.br